PRECONCEITO LINGUÍSTICO EM ÂMBITO ESCOLAR

Maria Fernanda Rodrigues Soares (FA), Valeska Gracioso Carlos (Orientador), e-mail: vgracioso@uol.com.br.

Universidade Estadual de Ponta Grossa/Departamento de Estudos da Linguagem

Linguística, Sociolinguística e Dialetologia

Palavras-Chave: *Preconceito linguístico, Variação linguística, Variantes estigmatizadas, âmbito de ensino, capital linguístico.*

Resumo

Alguns fatores podem emergir e influenciar o processo de aquisição e reprodução da linguagem. Isto posto, essa ação social é heterogênea e está sujeita a mudança, dependendo de onde o indivíduo está inserido na sociedade. O preconceito linguístico, por sua vez, promove a exclusão e discriminação dos fales estigmatizados na sociedade. É fundamental que a escola se distancie desse preconceito impulsionado pelo modelo tradicional de ensino de língua.

Introdução

Segundo Labov (2006), é comum que haja, em uma mesma comunidade de fala, várias maneiras de dizer algo similar com o mesmo valor de significado. Todas as comunidades falantes possuem a possibilidade de variação linguística, podendo haver mutação em região, status social, gênero e idade (TARALLO, 2005). Mediante a isso, o preconceito linguístico surge classificando variantes e ridicularizando as que não se enquadram na norma padrão estabelecida pela sociedade e ensinada na escola. No que se refere ao ambiente de ensino, esse, com a promessa de mobilidade social, adquire apresso pela variante da elite. Todavia, a adaptação desse ensino normativo depende da distribuição do capital linguístico, que por sua vez, segue a estrutura da posição do aluno em determinada classe social (BOURDIEU, 2008). O ambiente de aprendizagem deve ser acolhedor, acrescentando e valorizando o que já se tem de conhecimento no discente (BAGNO, 1999).

Material e Métodos

Foram levantados bibliografias teóricas e textos científicos em pesquisas já realizadas que abordam o assunto em questão, para que fosse possível realizar fichamentos e reflexões mediante ao material coletado. Trata-se de um trabalho de pesquisa iniciado em 2019 que segue acrescentando reflexões ao problema do preconceito linguístico em sala de aula.

Resultados e Discussão

Para que o âmbito de ensino seja acolhedor e não discriminatório e seletor, é indispensável que a norma culta seja ensinada considerando saberes linguísticos e culturais já familiarizados dos discentes (BORTONI-RICARDO, 2005). Nos apontamentos de Bortoni-Ricardo (2005): “A aprendizagem da norma culta deve significar uma ampliação da competência linguística e comunicativa do aluno, que deverá aprender a empregar uma variedade ou outra, de acordo com as circunstancias da situação de fala.” (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 26).

É possível trabalhar com a gramatica normativa levando em conta a sua finalidade na estrutura da fala e escrita no momento do ensino em sala, tornando-a um tipo de consulta e não uma “decoreba”, para que o aluno, então, decorra a ela sempre que necessário (FARACO, 1999).

Conclusão

Pôde-se concluir que a língua é uma ação social mutável, detentora de diversas variantes. A variante destaque é a que se encontra nas classes sociais mais elevadas, a mesma ministrada na escola. No entanto, nem todos os alunos são privilegiados com o conhecimento da variante de prestígio no leito familiar, já que depende de onde se encontram no meio social.

O ensino normativo pode corroborar para um ambiente de reprodução do fracasso social, para tanto, é fundamental que exista discussões em sala que ampliem o conhecimento de que a variantes padrão é apenas mais uma que existe na vasta possibilidade linguística.

Agradecimentos

Agradeço a Fundação Araucária pelo incentivo à pesquisa, que foi imprescindível para a construção do trabalho. Sou grata, também, pela instituição, Universidade Estadual de Ponta Grossa, que promove pesquisa, ensino e extensão com qualidade. Agradeço, por fim, a minha orientadora, Valeska Gracioso Carlos, que me guiou do início ao fim da minha pesquisa.

BAGNO, Marcos. (1999). **Preconceito lingüístico**: o que é, como se faz. Edições Loyola.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Nós cheguemu na escola, e agora?: Sociolingüística & Educação**. Parábola, 2005.

BOURDIEU, Pierre. **A Economia das Trocas Linguísticas.** 2 ed. São Paulo: Edusp, 2008.

FARACO, Carlos Alberto; CASTRO, Gilberto de. Por uma teoria lingüística que fundamente o ensino de língua materna (ou de como apenas um pouquinho de gramática nem sempre é bom). **Educar em revista**, 1999.

LABOV, William. **Padrões Sociolinguísticos.** Parábola, 2006.

TARALLO, Fernando. **A Pesquisa Sociolinguística.** 7ª. São Paulo: Àtica, 2005